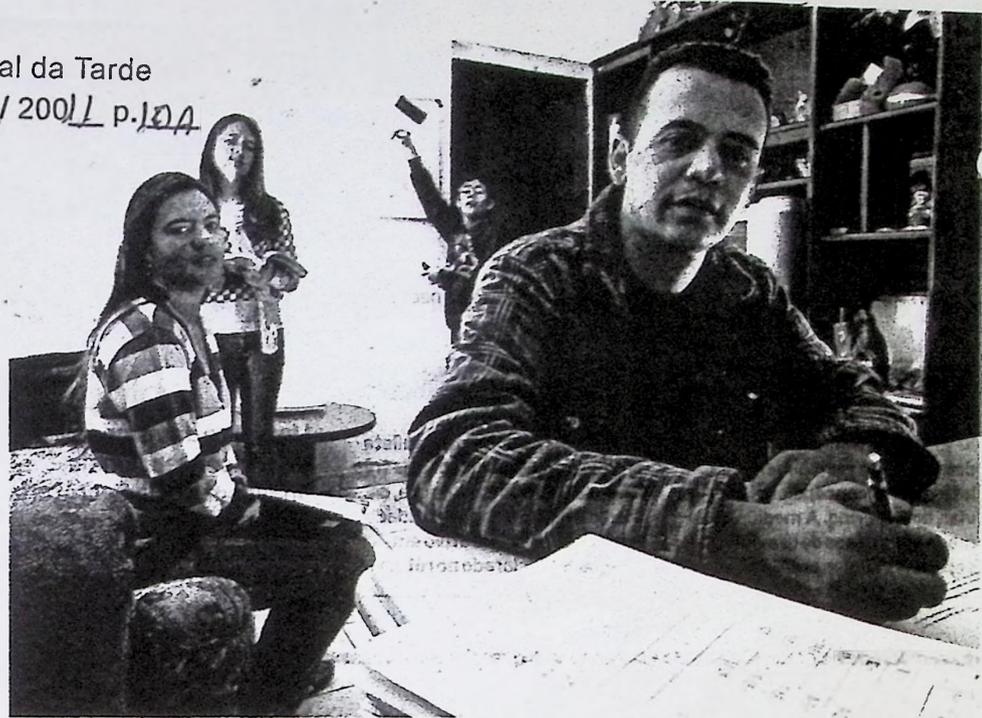


# Na faculdade, conteúdo do fundamental

Jornal da Tarde  
17/12001 p.10A



Nobre fez o reforço para acompanhar o curso de Matemática e instalou lousas em casa para estudar com a família

**Instituições de SP fazem reforços paralelos até de tabuada para aluno poder acompanhar a graduação**

ISIS BRUM

isis.brum@grupoestado.com.br

Várias faculdades particulares paulistas estão dando cursinhos de nívelamento no primeiro ano para que os ingressantes revejam conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática do ensino fundamental e médio. Os alunos chegam ao ensino superior sem saber nem mesmo a tabuada, por exemplo, ou resolver divisões simples e equações com fração. Em Português, precisam reaprender ortografia, concordância e pontuação. De maneira geral, não conseguem ler um texto complexo, próprio do curso, e responder a questões.

Os cursos de reforço ocorrem, geralmente, uma hora antes do período normal de aulas, no caso do noturno, ou uma hora após o expediente escolar, para quem estuda pela manhã. Nesses módulos há

“

Os alunos chegam à faculdade semianalfabetos. O ensino público está muito ruim”

MAGALI DE PAULA,  
PROFESSORA DO PROJETO APRIMORAR,  
DA UNISANT'ANNA

“

É, sim, um desafio, mas cabe a nós (instituições privadas) ajudar esses alunos a realizar o seu projeto de vida”

ANA MARIA SOUZA,  
VICE-PRESIDENTE ACADÊMICA  
DA ANHANGUERA EDUCACIONAL

estudantes oriundos do sistema particular de ensino, mas a maior parte dos estudantes, dizem os professores, é formada por gente

vinda da rede pública. Um deles é Evânio Viana Nobre, de 42 anos, que cursa o último ano de Licenciatura em Matemática na Universidade de Guarulhos (UnG), na Grande São Paulo. Ele diz que, na primeira vez em que tentou cursar o ensino superior, abandonou a faculdade. “Tive de contratar um professor particular”, lembra. Na UnG, participou do Mathema, o cursinho extra de matemática.

“Os alunos chegam sem noção alguma da serventia do conteúdo para a vida dele. Falta significado”, diz Ana Maria Pires, professora do Mathema. Mayara Elza Lessa, coordenadora de Inserção Acadêmica da UnG, acredita que as dificuldades em leitura e produção de texto são graves. “Por isso, criamos o laboratório de produção textual.”

“O ensino público está muito ruim”, critica Magali de Paula, professora do projeto Aprimorar do Centro Universitário Sant'Anna (Unisant'anna). “Os alunos chegam à instituição semianalfabetos”, completa. Por lá, o cursinho extra também inclui reforço em espanhol e inglês.

As instituições particulares já perceberam que precisam resolver as deficiências da educação básica de seus ingressantes se quiserem mantê-los nas aulas.

## Português Matemática são os conteúdos que mais pedem reforço

“Esse é o nosso público. E ele também tem direito de cursar a faculdade”, afirma Rodrigo Capelato, diretor executivo do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo.

“O diploma da educação superior tem implicações sociais. Feliz-

mente, algumas universidades estão olhando para isso e oferecendo os cursinhos”, avalia Ocimar Alavarse, professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP).

Nas faculdades do Grupo Anhanguera, as oficinas ocorrem especialmente no primeiro ano e ajudam o aluno até a pesquisar na internet. “É, sim, um desafio, mas cabe a nós ajudar esses alunos a realizar o seu projeto de vida”, diz Ana Maria Souza, vice-presidente acadêmica da Anhanguera Educacional. Na UniRadial, instituição do Grupo Estácio, o cursinho de reforço é oferecido a distância, durante a formação regular.

A Universidade Anhembi Morumbi também adota a técnica e os

módulos são criados de acordo com a necessidade das turmas, segundo a pró-reitora acadêmica da instituição, Josiane Tonelotto.

“Aqui, combinamos competências e habilidades (*defasadas*) com a aquisição de novos conhecimentos”, conta Sílvia Ângela Teixeira Penteado, pró-reitora da Universidade Santa Cecília (Unisant'a), na Baixada Santista.

Os números mais recentes do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) ajudam a entender as dificuldades do aluno que chega à universidade: quase 60% dos alunos do ensino médio estão abaixo do nível básico em matemática e 38% deles não absorveram conteúdos mínimos em português (*veja abaixo*). ::

## Três anos separam alunos dos ensinos médio e técnico

Para atingir o mesmo nível de instrução de um estudante das escolas técnicas estaduais paulistas, o aluno do ensino médio regular precisa permanecer cerca de três anos a mais na escola. Precisamente, são três anos e meio para absorver os conteúdos de Matemática e três para os de Língua Portuguesa.

A estimativa é feita com base na análise dos dados do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) de 2010, divulgados neste ano. De acordo com o professor Ocimar Alavarse, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), 15 pontos na escala do Saresp correspondem a um ano a mais de estudo.

A seleção, na entrada do ensino médio técnico, é o critério que melhor justifica o bom rendimento dos estudantes, dizem os especialistas. Na média geral, os alunos das Etecs estão no nível adequado em Língua Portuguesa e no básico em Matemática.

Segundo a Secretaria de Estado da Educação (SEE), "não se pode comparar Etec com escola estadual. É descabido", afirma a pasta, em nota. O governo também ressalta que o critério de seleção contribuiu para o melhor resultado do ensino técnico.

RENDIMENTO

# 57,7

**PORCENTO**

dos mais de 1,5 milhão de alunos do ensino médio regular estão abaixo do nível básico em Matemática, segundo a Secretaria

Ainda de acordo com a SEE, "os resultados da avaliação mostram que o governo do Estado de São Paulo está no caminho certo com sua proposta de Reorganização do Ensino Fundamental e Médio". E ressalta a melhora no desempenho do ensino fundamental, no 5.º e 9.º anos.

No ensino médio regular, contudo, no qual mais de 1,5 milhão de alunos estão matriculados, 57,7% dos estudantes estão abaixo do nível básico em Matemática. Em Língua Portuguesa, esse percentual é de 37,9%. Segundo a SEE, o governo está investindo na contratação de mais professores e na valorização do magistério na rede. :: I.B.

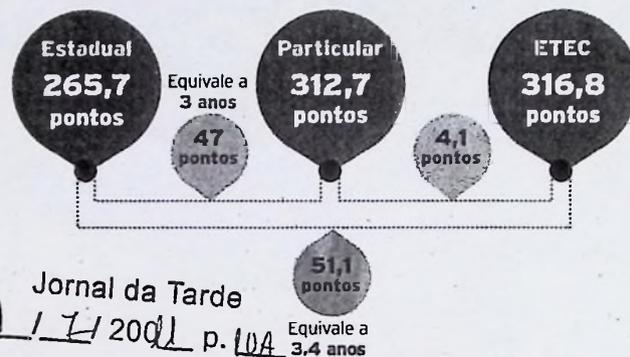
### SARESP 2010

#### Situação do ensino médio em São Paulo

Alunos do ensino médio regular têm de estudar mais de 3 anos para atingir nível de escolarização das ETECs

A cada 15 pontos de diferença é de 1 ano de estudo

**Português (nível básico: 250 a 375 pontos)**



**Matemática (nível básico: 275 a 350 pontos)**



## Alunos que não conseguem acompanhar desistem

O comerciante Evânio Viana Nobre, 42 anos, abandonou o ensino fundamental, na sétima série, por dificuldades com a Matemática. Retornou à sala de aula aos 21 para obter o primeiro diploma e, aos 30, para cursar o ensino médio. Quando iniciou a faculdade, Licenciatura em Matemática, percebeu que estava totalmente despreparado.

"Eu pensei que iria rever os conteúdos do ensino fundamental e médio para poder dar aulas, mas não é isso que ocorre", diz ele. "Não conseguia acompanhar as aulas e, no segundo semestre, contratei um professor para ter aulas particulares, mas acabei largando o curso", revela Nobre.

Cerca de dez anos depois, o comerciante resolveu que retomaria à faculdade. Na Universidade de Guarulhos (UnG), conheceu o cursinho de reforço e, com esse auxílio, está quase concluindo seus estudos. Sua dedicação estimulou a família. A sala de estar, hoje, tem duas lousas brancas, usadas por ele, pela mulher e pelos filhos durante as horas de estudo em casa.

"Fiz o ensino médio de qualquer jeito para ter o diploma e poder prestar um concurso", conta. "Só que é uma ilusão. Desse jeito, só é possível fazer o concurso da loteria", brinca. Ele lembra que, dos 40 alunos que ingressaram no curso

junto com ele, apenas 13 chegaram ao último ano. A maioria desistiu, acredita, por não conseguir acompanhar as aulas.

O auxiliar de cobrança André Luiz Barbosa Bispo, de 26 anos, está no segundo ano do curso de Letras na mesma universidade. Ele fez cursos em Ortografia e ao menos dois em Literatura Portuguesa. "Tive algumas dificuldades", admite. "Mas, infelizmente, a realidade é que existem pessoas que cometem erros de português ao falar, não respeitam a pontuação. É constrangedor. Alguns desistem por não conseguirem acompanhar."

Para a autônoma Clíntia da Silva Augusto, de 38 anos, também estudante de Letras, as deficiências existem e podem ser superadas com estudo e comprometimento. "É o aluno quem faz o curso", diz. :: I.B.



Fiz o ensino médio de qualquer jeito para ter o diploma e poder prestar um concurso. Mas, desse jeito, só é possível fazer o concurso da loteria"

EVÂNIO VIANA NOBRE, COMERCIANTE, 48 ANOS